

PALHAÇOS

por SEVERO PORTELA

Sempre gostei doidamente de vêr os palhaços. Admiro-os acima de quaisquer artistas. Deleitam-me, prendem-me, arrebatam-me. Seja onde fôr que eu estiver, pressentindo palhaços acôrro a palmeálos. Considero por vezes nesta predilecção que é a minha infancia que sobrevive, mas reparo logo serem êles que me concitam. Torna-se profunda como o pensamento a expressão de trabalho seu.

Sei de côr o nome dos melhores palhaços que, andando pelo mundo, vieram a este país. Na quadra em que por babilônias e cosmópolis errei, palhaço algum me escapava. Antes de ir a boquiabrir-me com os monumentos de um burgo ou cidade, tratava de aplaudir seus palhaços em trânsito. Depois de analisar-lhes cabriolas, ou peloticas, dei-me em sondar o senso moral destes artistas da emoção. Nada quasi há versado sobre palhaços nas literaturas de ontem ou de tresontem, mas êsse pouco, inócuo e presunçoso, sublinhei-o com desvêlo. Tema árduo, denso tema.

Esta predilecção tão íntima, de impulso subjectivo, não é recente, volvo a confirmar-lhes. Possui já madeixas brancas como a minha cabeça. Seja numa selecta companhia de variedades ou de rondel, seja num pelintra e esqualido punhado de artistas errabundos, são os que servem de palhaço que me apaixonam. Porque há palhaços de carreira, como há palhaços de improviso. Um plumitivo que já morreu foi-se aos palhaços e estrinçou o assunto passional por tal modo que eu ganhei horror á canhestria do pobre homem. Craveira de génio, Camilo converteu o tema em coisa facunda e do vocábulo palhaço achada nada mais nem de menos que dezenove sinónimos: — chocarreiro, tregeiteador, arlequin, palhaço, proxinela, polichinelo, moninelos truão, jogral, goliardo, histrião, farcista, fargola, végete, bobo, pierrot, momo, bufão, folião, etc. O palhaço oriundo dos itatiatas, em sua presença definitiva, colheu por nobres avatares o rompante dos truões que já a idade-média lendariza. Houveram seus bobos, di-nastas austeros como D. João II que falava apenas a horas tomadas por aziagas. Priboulet, dos fous des rois de France, houve á mão o pudor sombrio de Luiz XIII, atassalhando-o.

O mais psíquico dos artistas é o palhaço. Virtualidade plástica apanágio do sexo masculino, há nela um mistério ingénito tornando harmonia peregrina as obsessões todas de um manicómio. Uma noite, na City, senti assomarem a uma pista cinco mulheres palhaços. Um suicídio, como remate. A feminilidade traía de repente, e ás escancaradas, a finura ondulosa e a graça azul, a pontos do efeito emocional só emergir atrofiado. O mester estético de palhaço é expressa para o homem.

O palhaço criou-se para fazer rir em a varia gama, desde o riso que sorri simplesmente até ao riso que ri com estridência. E' vulgar o palhaço subir ao circo com a amante a morrer e rir melhor do que jámais. E' curial o palhaço emergir no terrado com o ventre flácido e rir mais sugestivo do que nunca. Vi um palhaço rir até rebentar, vi sangue. Uma vez foi alguém sur-

prender um palhaço soluçando, outro palhaço rir entre haustos de carpindo-se pungidoramente em um quarto de hotel e como de tal estupefacto ficasse, ouviu em resposta—pois não atenta, senhor, que estou á vontade?!»

Palhaços miseráveis na penuria atroz, roídos de lepra e sevandijados da fome e palhaços fornidos de riqueza, opulentos como rajás em plena India. Acaso pode um ou outro artista não se dotar de flama, mas há-de tê-la sempre o palhaço. Ser de criação, ser de inovação e, quando assim se não fa-culte, a sua obra é frustrê. O palhaço é, simultaneamente, um estatua-rio de atitudes éticas e um decorador de situações anímicas. Alude-se aos monstruosos trágicos que pela máscara psíquica enfatizam a existência transitoria e acintosa o Noveli e o Alves da Cunha, o Vico e o Laconi, a Sarah e o Thalavi, o Rossi e o Emanuel. Posterga-se, porém, quanto urge de preversão humana para procriar os paroxis-mos que só o palhaço atinge. Provê todos os cambiantes do riso desde a chicotada do sarcasmo ignóbil até ao emboalo que se transmuda em sonho e, empreiteiro da ventura e, portanto, da alegria, êle topa com convalescença para as maiores e mais pertinazes amargu-

ras. Glabra a fronte que pálida latejou, zarcão espesso contra os zigomáticos, bistre que escave o olhar e frangalhos de algodão no cote imundo ou sêda entre bordados com áureos recamos a coruscar, o palhaço exhibe-nos, desconcertantemente, a lógica quotidiana, tão anómala como revulsiva. O fenómeno de miragem que um deus mui magano adaptasse á verdade, deus céptico malabarizando, para nos intrigar, o paradoxo. Em o numero marcado no programa da função, ou do espectáculo, interpreta ao mesmo passo o velhórro e o pimpolho ou o cobardola e o valentaço. Ele é a defesa da inverosimilhança, a apoteose do disparate, o exalçamento do grotesco, a apologia do mirabolante. Palhaços, palhaços, na sua psiques a montes, como êles sempre me tornam atônito ao estudá-los! O palhaço é a imagem do carácter dissimulado numa pantomima ou numa pirueta, sofismado em uma exclamação, ou em uma apóstrofe, indiciado por um monossílabo, ou por um som. Do palhaço aguarda-se sempre, aguardam todos, que nos provoque o riso, embora concluso por um gemido e por um estertor em que há lama de sangue e de pranto:

—La comedia é finita.

A Crise Europeia

(Continuação da página 7)

co:— tal sociedade seria impossível, não poderia viver. Substituíamos esta variante pela do despota;—egualmente a vida social seria impossível. Substituíamos ainda pelo sub-tipo «idealista e sonhador», o resultado seria análogo, como análogo seria com qualquer dos outros sub-tipos.

Quer dizer, nenhuma sociedade seria viável pelo agrupamento exclusivo de um biotipo. De que resulta esta conclusão importante que o agrupamento de biotipos diferentes é uma condição necessária para a viabilidade de um complexo social.

Pôsto isto, constituída uma sociedade imaginaria pelo agregado de biotipos, acentuemos sucessivamente a percentagem de cada biotipo, desde a percentagem minima até ás percentagens maximas, proximas do limite, sem no entanto o atingir.

Com essa acentuação o agregado social tenderá para uma intellectualidade, e temperamento unico, que a tornará igualmente inviável. Tal sociedade passaria a ser dominada por um temperamento hegemónico, e cairia assim em bloco na mistica, no ascetismo, no pathos, no autismo, na monomania, etc. Para a tornar viável teriamos de corrigir êstes excessos, e para o fazer temos de diminuir a percentagem excessiva que por hipótese, concedemos a certos sub-tipos.

A conclusão portanto é que uma sociedade não é viável sem uma certa e determinada correlação na percentagem dos biotipos. E' esta pois uma segunda conexão neces-

saria para a existência possível de um sistema social.

Esta correlação pode estabelecer-se entre certos limites, e são as combinações possíveis destas relações dentro destes limites que permitem aos diferentes agrupados sociais apresentarem diferentes modalidades intellectuais, morais e afectivas e além disso, dentro dos limites de equilibrio do complexo, ter a elasticidade suficiente para que a vida seja possível sem petrificar num anquilose.

Estes elementos tem pois de ser incluídas no esquema que tracei sobre o complexo social no ensaio intitulado «Individuo e Colectividade»; tais condições completam os elementos aí indicados relativos á architectura e movimentação do complexo.

Os biotipos, pelas suas percentagens, estabelecem desta forma condições necessarias para a existência possível do complexo, que têm de ajuntar-se ás que foram indicadas no ensaio considerado.

As condições de percentagem temos de acrescentar as de força de acção desses biotipos. Esta, como vimos já, é, pelo contrário, condicionada pela evolução do complexo, que actua sobre o biotipo pela forma acima indicada, em função do seu estado de diferenciação e de evolução histórica. E' o complexo que liberta o bio-tipo, que o refreia, que o anula, conforme as circunstancias. A sua energia de acção tão depressa é concentrada no biotipo, como se desenvolve em acção, sendo êstas alternativas sempre condicionadas pelo estado do complexo.

